

A Revolução Baath no Iraque e na Síria: o que mudou?

*Daniela Zapata de Oliveira**

RESUMO: O presente artigo se propõe a estudar as revoluções do Partido Baath nos Estados do Iraque e da Síria nos anos de 1968 e 1963 respectivamente, visto que apresentam a ideologia como ponto de inflexão para as formas de governos atuantes na maior parte do Oriente Médio. A nova corrente, porém, só consegue expressiva popularidade nesses dois países. Analisar-se-á se as revoluções em questão seguiram os três princípios do Baathismo.. Para o estudo, divide-se o artigo em quatro partes: a introdução, com os conceitos baathista, duas partes de desenvolvimento, uma para cada um dos Estados, e a conclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Baath; Iraque; Síria; Revolução; Oriente Médio.

* Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1 Introdução

A ideologia baathista foi criada por volta do início da década de 1940 na Síria, por Michael Aflaq, e tinha como objetivos principais a unidade, a liberdade e o socialismo. Ela surge derivada dos movimentos nacionalistas do final da Primeira Guerra Mundial em conjunto com as correntes secularistas que ganhavam cada vez mais força na região e na luta contra a colonização europeia (NAPOLEONI, 2015; AFLAQ, 1945). O Baathismo se posicionava contra a tendência de alguns países árabes de utilizar as regras do Islã nas políticas governamentais dos Estados. Ele concorria, então, com o naasserismo egípcio, visto que seus ideais seguiam a mesma linha com diferenças pontuais (VISENTINI, 2014).

Tanto o Baathismo quanto o Nasserismo propõem um Estado nacionalista, modernizador e pan-arabista, além de elementos socialistas, porém a diferença se dá pelo fato de que o Baathismo reconhece o Estado como secular, em que as crenças e leis religiosas devem permanecer separadas de suas leis e ideais. O Naasserismo reconhece a presença do islã no Estado, porém não persegue nem massacra segmentos minoritários ou outras religiões, ou seja, o Estado não é laico, mas há liberdade de expressão religiosa (GHAREEB, 2004).

No Oriente Médio, o Baathismo teve núcleos em todos os Estados árabes, como uma ideologia pan-arabista, porém teve apoio mais expressivo principalmente na Síria e no Iraque. Nos outros países, não conseguiu superar o Naasserismo ou mesmo o Islamismo. Foi nesses dois Estados que conseguiu implementar sua ideologia por meio da revolução. As duas revoluções ocorreram na década de 1960, e suas linhas foram completamente diferentes entre si, tornando-as rivais uma da outra (VISENTINI, 2014).

A dissidência se deu em 1966, e aconteceu principalmente por questões ideológicas. No Iraque, seguia linha unipartidarista e com postura centralizadora, enquanto na Síria era parte de uma grande frente e aliada à URSS. A ideologia seguida nas duas correntes, porém, era a mesma, o que tornava a rivalidade ainda maior, visto que cada um dos segmentos defendia que a sua maneira de interpretação era a mais correta (MATTHEWS, 1993; MOHAMMED, 2016).

Partindo disso, é interessante compreender como as duas revoluções baathistas se caracterizam e como elas atuaram em cada um dos dois países onde teve maior expressão e conseguiu alcançar poder. Este artigo se divide em quatro partes contando com esta introdução. A segunda parte analisa a Revolução Baath no Iraque, tratando da conjuntura no qual o Partido Baath encontra espaço para sua atuação no país e, após o seu sucesso, de como a revolução mudou o contexto iraquiano comparando ao que se propunha a mudar. Além disso, procura entender quais foram os seus motivadores e os pontos de inflexão para a sociedade iraquiana. Partindo do ponto de que uma revolução deve ter um elemento catalisador para que ocorra e de que deve gerar mudanças sistemáticas para a sociedade onde é aplicada, os mesmos fatores serão analisados na terceira parte deste artigo, porém levando em consideração a revolução ocorrida na Síria. Na quarta seção, realizar-se-ão as considerações finais a respeito dessas duas revoluções seguindo praticamente a mesma ideologia, porém com sociedades e resultados completamente distintos.

2 Iraque

Em 1963, o Partido Baath chega ao poder pela primeira vez. Com um golpe arquitetado em conjunto com os naasseristas iraquianos, o partido depõe o brigadeiro Qasim da presidência. Este, por sua vez havia deposto a monarquia Hashemita anteriormente, liderando o movimento em conjunto com o coronel Arif, o qual agora, tirava-lhe o poder. Tanto naasseristas, quanto baathistas, quanto oficiais do exército compuseram o novo governo.

Em meados de 1963, porém, as tensões começaram a se acirrar entre as correntes que haviam derrubado Qasim. As divergências derivavam de dentro do partido Baath, no qual a Guarda Nacional não conseguia alinhar-se ao exército e as discordâncias políticas internas tanto de cunho nacional quanto internacional não eram solucionadas. Formava-se então mais um cenário de instabilidade governamental como outros tantos anteriores (TRIPP, 2007).

Em novembro, Arif reuniu todas as unidades do exército em que poderia confiar e um golpe foi lançado contra a parcela baathista da coalizão, tirando-a do governo e deixando somente os outros dois parceiros. Agora, o exército, liderado

por Arif, e a corrente naasserista governavam o Iraque. A sede da Guarda Nacional foi atacada, no intuito de fragilizar o governo baath, e todos os suspeitos de serem simpatizantes do partido foram presos. Todos os outros partidos políticos foram banidos e deu-se início a uma nova fase de repressão política e de regime militar ditatorial (SIMONS, 1994). “Isso demonstrou que a chave para as forças armadas ainda era a chave para o poder, independentemente das formas de organização civil que haviam emergido nos dois regimes anteriores” (TRIPP, 2007, p. 169, tradução nossa). Com esse cenário, só restava ao partido Baath, tentar dominar o exército também.

2.1 Contexto do golpe

Após o segundo golpe de 1963, o novo conselho que foi formado conferiu, em seguida, a liderança para Abdul Salaam Arif. Seu núcleo de governo se completava com seu irmão Abd ar Rahman Arif e seu colega Coronel Said Slaibi. Arif seguiu a linha socialista e instaurou um programa de governo em que houve nacionalização de bancos, de seguradoras e de alguns segmentos da indústria de construção e primária. Essas medidas pouco adiantaram para a resolução dos problemas territoriais com o povo curdo no norte do país, ou para diminuir as tensões entre baathistas, naasseristas e não-naasseristas; tampouco resolveu os problemas econômicos iraquianos, porém, pelo menos para a população, demonstrou que o governo estava agindo de maneira a tentar encontrar uma solução para as questões nacionais, o que se mostrou um dos poucos legados deixados pela proposta de união entre Iraque e Egito (SIMONS, 1994).

As forças naasseristas que apoiaram o golpe esperavam por uma união do Iraque à República Árabe Unida. Em 1964, medidas foram tomadas para a efetivação da proposta, iniciando-se inclusive a convergência militar, econômica e política, porém a união nunca chegou a acontecer (GLOBAL SECURITY, 2011). Em 1965, o governo rompeu também com os naasseristas e tentou levar ao poder mais civis. Abd ar Rahman Bazzaz foi o primeiro civil a ser ministro desde a monarquia. Ele tentou acabar com a formação militar do governo, bem como implementar um plano econômico de cinco anos para incentivar o investimento externo privado.

A morte de Arif, em 1966, deixa o governo fragilizado. Seu irmão, o general Major Abd ar Rahman Arif assume a liderança do país, nomeando oficiais do governo. Sua falta de personalidade, diferente de seu irmão, o deixou exposto a esses elementos que o tinham indicado para governar o Iraque, o que deixou o país ainda mais vulnerável (TRIPP, 2007; SIMONS, 1994).

As questões da região curda, bem como a crise de petróleo com a Síria em 1966-1967, enfraqueceram o governo de Arif. Porém, o que acabou com o apoio a ele e com seu crédito foi a não intervenção iraquiana quando o exército israelense sobrepujava os exércitos egípcio, sírio e jordaniano e conquistava boa parte das fronteiras árabes na Guerra dos Seis Dias. Os interesses de uma pequena elite estavam ali representados, porém a autoridade faltava ao governo de Arif. Nesse momento, mais um governo começou a cair. Acusações de corrupção deterioraram ainda mais a situação (MATTHEWS, 1993).

Dois oficiais do exército resolveram agir de forma independente e planejar um golpe contra o governo de Arif. Em julho de 1968, os coronéis Abd ar Razzaqan Nayif e Ibrahim ad Daud derrubaram o governo. O partido Baath rapidamente se aproveitou da falta de organização dos dois oficiais e da sua falta de estabilidade em manter a posição conquistada e tomou o lugar que Nayif e Daud haviam logrado. Em poucas semanas, o partido havia manobrado ambos os oficiais e se assentava pela segunda vez no governo iraquiano, dessa vez para ficar (TRIPP, 2007).

O golpe pelo Baath foi efetuado em 17 de julho orquestrado pelo general Ahmad Hasan al-Bakr e apoiado por Michael Aflaq e Saddam Hussein - que mais tarde seguiria na linha sucessória de Bakr. Em um mês, o cenário político havia mudado completamente: Bakr se autoproclamou Primeiro Ministro e Chefe de Estado e levou ao governo a ala mais radical do partido Baath (SIMONS, 1994).

2.2 O governo baath e suas consequências para o Iraque

O governo baath se tornou um governo repressivo e totalitário e se assentou infringindo o medo em sua população (STEWART, 2015). Apesar desse fato, após a subida do governo baathista ao poder, o Iraque passou pelo maior período de estabilidade política de sua história, contrastando fortemente com os anos anteriores, desde a formação do Estado pelos ingleses (MATTHEWS, 1993).

Segundo Tripp (2007), o regime estabelecido em meados de 1968 era teoricamente baathista, mas, como mais tarde alguns acontecimentos revelariam, isso não significava que os governantes pudessem ser resumidos ao seu alinhamento ao partido. Esta era apenas uma de suas faces e influenciava somente de maneira parcial suas ideias com relação ao Iraque e com relação à maneira de governar o país. O fato de que a maioria das figuras principais do novo regime eram militares do exército também seria marcante, e muito importante para a disposição e a estabilização do novo regime.

Com relação ao regime econômico:

O patronato seletivo foi um princípio aplicado à população [...] O governo de Hasan al-Bakr usou muito da retórica socialista radical, mas na verdade fez com que todas as diretrizes econômicas fossem voltadas principalmente para o aumento do controle de Hasan al-Bakr e seus associados. Isso significava que as principais políticas econômicas do regime tomavam duas formas principais. Uma era em grande parte de natureza populista. Ela tomou forma no início de 1969, no cancelamento de toda a compensação por terras confiscadas. Em um só golpe, isso aliviou os beneficiários da redistribuição de terras do encargo financeiro que a compensação tinha implicado. Também removeu um item importante de despesas do governo. Além disso, foram introduzidos subsídios de produtos básicos, bem como serviços sociais e de assistência e benefícios fiscais limitados, que não deveriam ser plenamente desenvolvidos até que recursos significativos ficassem disponíveis após o aumento maciço da renda do petróleo de meados de 1975, mas deram a impressão de um governo preocupado com o bem-estar econômico do povo como um todo (TRIPP, 2007, p.197, tradução nossa).

Após 1975, o rendimento do petróleo era realmente vultoso e o governo foi rápido em investir a partir desse aumento de recursos. As rendas derivadas desse aumento foram destinadas ao aumento de segurança pública, a projetos habitacionais populares, a investimentos em saúde e educação. Essas medidas foram sentidas não só momentaneamente, mas também ao longo dos anos, levando a crer que o governo estava cumprindo seu papel.

Na verdade, essas medidas beneficiaram não só a população, mas principalmente indivíduos empreendedores de quem Saddam gostaria de ter apoio. Essas medidas, portanto, foram sentidas pela população porque esses indivíduos estavam prontos para receber os benefícios, que, por sua vez, foram repassados para a população. Isso levou ao aumento de uma rede de beneficiários de recursos

do Estado que a Saddam interessava agradar, para sustentar desde já sua futura subida ao poder:

O baath só pôde permanecer no poder no Iraque através da criação de uma estrutura de coerção e controle composta por um grupo de cerca de meio milhão de membros, uma estrutura apertada de quadros e ativistas partidários e uma organização política que atendia mais ao partido do que ao Estado. A este respeito, o Partido Baath tem aspirado tornar-se O Estado. Além disso, o partido penetrou todos os principais setores civis da sociedade iraquiana - os sindicatos, a função pública, as instituições educacionais e as organizações profissionais. Mas talvez a chave para a manutenção do poder do baath seja o exército iraquiano. O primeiro regime baathista, em 1963, falhou após somente nove meses predominantemente por causa da retirada do apoio do exército. Assim, a prioridade central do segundo regime baathista, particularmente, de Saddam Hussein, desde que se tornou líder em 1979, foi manter a lealdade dos militares. Isso foi feito por meio de uma mistura de coerção e incentivo. O suborno era um instrumento - o exército recebia grandes recursos, tanto em termos de equipamento quanto em termos de um padrão pessoal de vida. Um incentivo mais positivo era proporcionado pelas oportunidades para os oficiais militares se tornarem empreendedores em uma ampla gama de atividades produtivas nos setores público e privado (MATTHEWS, 1993, p.37, tradução nossa).

O Iraque sob o comando do Baath tornou-se um governo intolerante, tanto com sua população, que vivia sob uma ditadura sem espaço para questionamento, quanto na política externa, onde não havia espaço para diálogo com Estados que não estavam alinhados à sua política. Isso mais tarde viria a se tornar objeto de pressão internacional, muito embora essa fosse a política que viria a permanecer ao longo do regime de Hussein (SIMONS, 1994). A concentração de poder sob a égide de uma só elite transformou a linha do partido de eliminação das diferenças entre as etnias e crenças em mera ideologia. A ideia, porém, da rejeição do modelo capitalista seguiu nos princípios do governo, que achou por bem buscar apoio na URSS como aliada socialista (MATTHEWS, 1993).

O governo baath, ao longo dos anos, transformou a vida da sua população. Nota-se o aumento da indústria no país, o investimento em setores da saúde e educação. Porém, o governo baath, principalmente o de Saddam Hussein, além de repressivo, como todos os outros, levou a população a um incontável número de guerras regionais por disputa de poder. Conforme a população foi crescendo e a juventude amadurecendo, essa parte da população só se lembrava da destruição

de seu país e do desgaste civil pelo qual foram obrigados a passar em nome da busca de seu líder por poder. Esse fator foi de grande importância para a perda de apoio de grande parte da população pelo governo baath, principalmente depois da Segunda Guerra do Golfo.

3 Síria

A Síria, desde antes da colonização europeia e da formação do Estado sírio, era uma região onde a religião exercia muita influência na política. A elite notável-baseava seu status nas posições religiosas que seus membros possuíam no Estado turco. Com o passar das décadas e o surgimento de novas ideologias, o secularismo, o nacionalismo e a modernização foram ganhando espaço na sociedade síria. Nesse contexto, na década de 1940, como afirmado anteriormente, surge o Baathismo na sociedade síria. Sua atuação na política passa a ocorrer desde 1954, porém somente em 1963 é que chega ao poder por meio do golpe militar.

3.1 Contexto da tomada de poder

As eleições de 1943, apesar de terem caráter nacionalista, trouxeram de volta a antiga elite predominante do início do século XX. As famílias de notáveis estavam mais uma vez monopolizando as decisões centrais. Nos moldes das antigas formas de governo, o que estava por vir eram mandatos instáveis, com disputas de poder que durariam até 1970, quando subiria ao poder a família al-Assad, em conjunto com o Partido Baath, que chegaria ao poder um pouco antes, em 1963 (ERLICH, 2014; MCHUGO, 2015).

Apesar de ter apoio dessa elite de notáveis no parlamento, o presidente Shukri al-Quwatli temia o poder que o exército poderia obter. Dentro de pouco tempo, a democracia que havia se instaurado no processo de independência se transformaria em uma ditadura militar, com inúmeros golpes de Estado e o exército tomando o poder de forma nunca antes vista na Síria (MCHUGO, 2015).

O primeiro golpe foi contra o próprio Quwatli, em 1949 - apoiado pelos EUA - levando ao poder o comandante do exército, o Coronel Husni Zaim. Quase cinco meses depois, outro golpe militar foi efetuado, por meio do qual o líder

desejava instaurar uma assembleia constituinte ao final do ano; porém, uma semana depois, o último golpe foi dado e o Coronel Adib Shishakli subiu ao poder. Ele governaria até 1954, em um regime que seria de fato um regime ditatorial extremamente repressivo (ERLICH, 2014).

Shishakli reestruturou o exército de maneira a torná-lo quase cinco vezes maior do que aquele que o último presidente eleito havia composto. Estando em um contexto de ditadura, essa estrutura militar não servia somente para proteção contra investidas externas, mas era destinada também ao controle interno da população, proibindo, dessa forma, protestos contra o governo. Surge então uma oposição baathista. Com a união dos líderes do Partido Baath e Akram Hourani foi fundado o Partido Árabe Socialista Baath. O partido tinha cunho secular, com o intuito de fazer a política sem ligação religiosa, em contrapartida ao que a elite proprietária fazia. Inicialmente, era formado em um regime republicano reformista e entrava em conflito com as monarquias árabes e as potências externas que impediam a modernização da Síria (VISENTINI, 2014).

Em 1954, Adib Shishakli foi deposto e no mesmo ano o parlamento foi reorganizado. A partir daí, até 1958, observa-se uma grande atuação da ideologia Baath no cenário político sírio em parceria com o Partido Comunista, no intuito de enfraquecer os partidos conservadores. Um desalinhamento entre os partidos, porém, fez com que o Partido Baath aprovasse o projeto de lei de união com o Egito, formando a RAU. “O Baath foi importante tanto no movimento que levou à formação da República Árabe Unida em 1958, quanto em sua divisão em 1961” (HOURANI, 2001 p. 285). A principal diferença entre os dois momentos é que em 1954, o partido não acha espaço para se posicionar na política síria, e em 1961, com a ajuda da corrente esquerdista baathista, tira a Síria da União, e pode impulsionar o programa do partido, baseado no desenvolvimento econômico e social e na modernização (VISENTINI, 2014; MCHUGO, 2015).

Segundo McHugo (2015), apesar de o fim da República Árabe Unida ter levado à antiga forma parlamentarista de governo na Síria, e de os notáveis que governavam o país tentarem retomar essa antiga ordem, o golpe militar de 1963 foi a “sentença de morte” do antigo regime governado pelas tradicionais famílias notáveis sunitas, demonstrando que, apesar de o Partido Baath ter abdicado de

sua importância política durante a RAU, essa premissa já não se aplicava mais e eles estavam prontos para lutar pelo governo.

3.2 O governo baath e suas consequências para a Síria

O golpe militar de 1963 não tinha somente a intenção de ser uma tomada de poder, mas um movimento revolucionário no país. A proposta do partido de “revolução de cima para baixo” para alcançar seus objetivos teve resultados palpáveis para a população. A população assalariada aumentou de 32,9% em 1960 para 37,8% em 1975; o proletariado agrícola foi em grande parte transformado em um campesinato, com a reforma agrária. As medidas adotadas pelo governo conseguiram diminuir a concentração de renda e impedir sua reestruturação. O sistema educacional também sofreu grandes mudanças, principalmente no nível universitário: o acesso à educação superior foi amplamente alargado a partir de 1963 (HINNEBUSCH, 2001).

Com o passar do tempo, o Baath justificaria os meios pelos fins, e trabalharia com coerção e violência para atingir os seus objetivos. O nacionalismo árabe defendido foi se transformando propriamente em um nacionalismo sírio, atendendo aos interesses particulares da Síria, com base na centralidade de Damasco para a nação árabe.

Apesar de o partido ter tomado o poder por meio de um golpe militar, o governo que subiu ao poder em 1963 não era baseado somente no exército, mas era híbrido em uma mistura entre exército e partidos – pois, apesar de a elite governante passar a ser alaúita, o governo era formado por uma coalizão entre partidos não só dessa corrente. Além disso, disputas internas dentro do partido levaram a outros golpes, em 1966 e em 1970, que levariam ao poder, então, Hafez al-Assad (ERLICH, 2014; HINNEBUSCH, 2001).

A despeito dos militares governarem sob a retórica do Baath, as ideologias iniciais haviam se perdido com a distorção do poder e do passar dos anos (ERLICH, 2014). O novo governo se caracterizaria por um estilo muito comum na região naquela época: o “populismo autoritário” seria usual principalmente em Estados recém descolonizados e governados por elites modernizantes e nacionalistas. Esses Estados eram ameaçados externamente, o que lhes conferia a necessidade

de proteção militar, e, ao mesmo tempo, estavam em situação interna instável. Dessa forma, acabavam utilizando da força conferida pelo exército para controlar e manter a ordem interna, agindo de maneira autoritária, por um lado, e por outro trabalhando para melhorar as condições internas do país (HINNEBUSCH, 2001).

Quando Assad sobe ao poder, com o último dos golpes militares, ascende uma corrente mais flexível, pois o líder era um político mais cauteloso com as consequências de seus atos e mais maleável a situações que pudessem ocorrer. Seu objetivo último na política externa era recuperar o território perdido para Israel em 1967, na Guerra dos Seis Dias, e como política interna, se assentava com a visão baathista. Assad fez o que era preciso para aumentar o seu efetivo militar e garantir que o poder sírio fosse assegurado, e sua principal justificativa era justamente a recuperação do território das Colinas de Golá. Apesar de o governo baathista anterior ser mais radical que o governo de Assad, deixou como legado um Estado muito mais autônomo e com capacidade de rearranjo organizacional que trouxe, por consequência, uma desconfiança do capital privado e das soluções da burguesia empresarial (ERLICH, 2014; HINNEBUSCH, 2001; MCHUGO, 2015).

Em geral, o governante consultava o povo – até certo ponto – para assegurar apoio político da população, e a repressão de seu governo era variada, dependendo de quão ameaçado o regime se sentia. Um forte ponto de repressão eram as manifestações islamistas, que se tornaram violentas, principalmente depois de 1980 (MCHUGO, 2015).

Seguindo a linha de seu pai, Bashar al-Assad também não deu abertura ao povo sírio, muito embora no início de seu governo tenha-se notado uma tendência democrática que logo passou. Aprofundando os ideais baathistas, Bashar concede uma abertura maior que seu pai à liberdade religiosa, muito embora esse não fosse um tema polêmico no governo de Hafez – a não ser quando a oposição se tornava violenta. Ainda nessa linha, houve uma tentativa de aprofundamento da modernização da indústria do Estado, porém dessa vez esse movimento atingiu somente os círculos próximos a Assad, causando inclusive uma deterioração da produção local, o que levou a um sentimento de revolta da população, acumulado com o ressentimento de seu líder antidemocrático, demonstrando que os ideais

baathistas por si só já não servem para justificar a permanência de um líder no poder por tanto tempo.

4 Conclusão

Segundo Halliday (1999), a melhor abordagem para a revolução seria um intermediário entre a abordagem revolucionária e a convencional, derivando uma abordagem alternativa. Dessa forma, é necessário analisar a influência do externo sobre o Estado, entender o papel da ideologia revolucionária e contextualizar a revolução. As revoluções baath levaram para a população, em parte, o que se propuseram. Em suas premissas, buscavam combater os governos colonizadores opressores, modernizar o Estado, unir o povo árabe sob uma bandeira e secularizar os governos. Essas propostas abarcam tanto variáveis internas ao Estado quanto variáveis internacionais.

A ideologia traz como preceitos unidade, liberdade e socialismo e visa a estabilizar governos sucessivamente instáveis no Iraque e na Síria. Pode-se dizer que nesse aspecto a revolução teve sucesso, pois os governos baathistas são os governos mais estáveis da história desses dois países.

Entretanto, as revoluções baath de certa maneira não conseguem se concretizar, na medida que ainda atuam nos moldes das antigas elites monárquicas e que retêm o poder. As revoluções feitas até hoje no Oriente Médio não permitiram ainda quebrar o status quo, em que a elite permite que revoluções aconteçam somente em certas áreas onde não prejudiquem a manutenção de seus direitos e de sua posição no sistema regional e nacional. Dessa forma, apesar de as revoluções baath trazerem modernização para suas populações e estabilização para os governos, essas duas premissas continuam beneficiando primordialmente a elite governante, sem uma alteração na prioridade das políticas estatais.

The Baath Revolution in Iraq and Syria: what has changed?

ABSTRACT: This article intends to study the revolutions of the Baath Party in the states of Iraq and Syria in the years of 1968 and 1963, respectively, since they present ideology as a point of inflection for the governments in most of the Middle East. The new ideology, however, only achieved significant popularity in these two countries. The article will analyze if these revolutions followed the three principles of Baathism. The article is divided into four chapters: an introduction, with Baathist concepts, two parts of development, one for each State, and a conclusion.

KEYWORDS: Baath; Iraq; Syria; Revolution; Middle East.

Referências

AFLAQ, Michel. **On the Arab Baath movement**. [S.l.], 1945. Disponível em: <<http://albaath.online.fr/English/Aflaq-18On%20the%20Arab%20Baath%20movement.htm>>. Acesso em: 28 out. 2016.

ERLICH, Reese. **Inside Syria: the backstory of their Civil War and what the world can expect**. Amherst, New York: Prometheus Books, 2014. 190 p.

GHAREEB, Edmund; DOUGHERTY, Beth. **Historical Dictionary of Iraq**. Oxford: The Scarecrow Press, 2004. 459 p. (Historical Dictionaries of Asia, Oceania, and the Middle East, No. 44).

GLOBAL SECURITY. **1963 – 1968: Arif**. Modificado por último em: 09 julho 2011. Disponível em: <<http://www.globalsecurity.org/military/world/iraq/history-republic-2.htm>> Acesso em: 10 novembro 2016.

HALLIDAY, Fred. **Revolution and world politics: the rise and fall of the six great powers**, 1999.

HINNEBUSCH, Raymond. **Syria: revolution from above**. Nova Iorque: Routledge, 2001. 181 p.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ISMAEL, Jacqueline. ISMAEL Tareq. **The Communist Movement in Syria and Lebanon**. Florida: University Press of Florida, 1998. (ISMAEL & ISMAEL, 1998)

MATTHEWS, Ken. **The Gulf Conflict and international relations**. Londres: Routledge, 1993. 339 p. (MATTHEWS, 1993)

MCHUGO, John. **Syria: a history of the last hundred years**. New York: The New Press, 2015. 320 p. (MCHUGO, 2015)

MCMILLAN, M.E. **From the First World War to the Arab Spring: what's really going on in the Middle East**.

MOHAMMED, Yasmin. **O NACIONALISMO ÁRABE E O PARTIDO BAATH: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DA SÍRIA DA ASCENSÃO DE HAFEZ AL-ASSAD (1970-2000) À PRESIDÊNCIA DE BASHAR AL-ASSAD (2000-2010)**. 2016. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Estudos Estratégicos Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/147453>>. Acesso em: 20 setembro 2016.

NAPOLEONI, Loretta. **A Fênix Islâmica: O Estado Islâmico e a reconfiguração do Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. Tradução de Milton Chaves de Almeida.

OLIVEIRA, Daniela. **ESTADO ISLÂMICO E A INTEVENÇÃO NO ORIENTE MÉDIO: OS CASOS DE IRAQUE E SÍRIA**. 2016. 84 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. No prelo.

SAHNER, Christian. **Among the ruins: Syria past and present**. New York: Oxford University Press, 2014. 224 p. (SAHNER, 2014)

SIMONS, Geoff. **Iraq: From Sumerto Saddam**. Londres: The Macmillan Press, 1994. (SIMONS, 1994)

STEWART, Scott. **How the Baath Party Influenced the Islamic State**. Stratford-Journal. 13 agosto 2015.

TRIPP, Charles. **A History of Iraq**. 3. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. 357 p. (TRIPP, 2007)

TSCHIRGI, Dan. **The Arab World Today**. Boulder: Lynne Rienner Press, 1994. (TSCHIRGI, 1994)

VISENTINI, Paulo. **O Grande Oriente Médio: da descolonização a Primavera Árabe**. Porto Alegre: Elsevier, 2014.